

PENSANDO UM PROJETO DE INTERVENÇÃO ESCOLAR QUANTO À EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

Rosa Margarida de Carvalho Rocha

RESUMO: Boa vontade e sensibilidade dos profissionais de educação quanto ao trato das questões raciais no cotidiano escolar, acolhendo positivamente a diversidade e as diferenças presentes nesse universo são, sem dúvida, preponderantes. Mas para a construção e consolidação de uma cultura escolar voltada para uma educação emancipatória e antirracista é exigido bem mais que isso. Alguns referenciais, princípios pedagógicos e éticos deverão ser observados, bem como planejar, construir e efetivar um Plano de Ação, tendo como base a realidade escolar vivenciada.

O pretendido com esse texto é o de apresentar as reflexões iniciais, debates e partilhas que foram vivenciadas com os docentes que participaram do “Curso de Formação docente em Educação para as Relações Étnico-Raciais”, realizado por intermédio da Universidade Federal de Uberlândia. Estas objetivavam subsidiar os trabalhos dos cursistas/professores na elaboração de uma proposta de um Projeto de Intervenção a ser aplicado em suas escolas de atuação.

Inicialmente foi discutido com os cursistas a importância de um planejamento geral, um Plano de Ação Escolar elencando referenciais, de forma mais ampla, que pudessem contribuir com o repensar e o ressignificar das práticas educativas, inserindo assim, efetivamente, a questão racial no currículo e na cultura escolar. Acredita-se que dessa forma a proposta do Projeto de Intervenção a ser executada na escola estaria sendo construída com bases mais sólidas. Assim, alguns parâmetros foram elencados no sentido de contribuir para poder chegar o mais próximo possível de um Projeto de Intervenção eficiente e profícuo.

Palavras chaves: Educação antirracista. Currículo. Práticas pedagógicas. Planos de Ação.

1. INTRODUÇÃO

Nessa proposta de refletir sobre a inserção da questão racial no currículo, educando para a diversidade etnicorracial torna-se necessário reconhecer a abrangência e a importância do papel da escola contemplando assim uma educação para o milênio em que vivemos.

O limiar do século XX e início do século XXI, foram pródigos em sinalizar transformações necessárias que deveriam ser feitas quanto à criação de novos paradigmas de inclusão sociorracial em escala planetária. No século em que vivemos a busca da pluralidade como também a luta contra o racismo equivale à busca de um norte civilizador (Moore, 2008) e nos obriga a pensar novas formas de ver e fazer o/no mundo levando em consideração homens e mulheres em situação de vulnerabilidade social, reconhecendo a trajetória histórica de exclusão de grupos sociais específicos como, por exemplo, negros e indígenas.

Não há dúvida que ainda é necessário ampliar conhecimentos, aprender muito quanto ao caminho a ser trilhado. Nessa perspectiva, a educação ainda precisa se posicionar. Assumir-se como força viva da sociedade e ocupar um espaço de luta contra toda forma de exclusão, preconceitos e racismo, em contraposição ao que ainda, de modo geral, se observa na sociedade atualmente, com muita ênfase nas instituições escolares.

O reconhecimento da diversidade como um paradigma mundial e o respeito às diferenças como elementos positivos e enriquecedores das relações humanas são assuntos que começam a ser tratados nos documentos normativos nacionais e internacionais. Mas ainda estão distantes da prática que permeia o universo escolar. Essa dicotomia acaba por dificultar o movimento a ser feito para forjar novas formas de convivência na contemporaneidade.

A diversidade não poderá ser tratada como fator de hierarquização e muito menos como parâmetro para demonstração de superioridades e inferioridades entre grupos humanos, mas como complementaridade e enriquecimento da humanidade em geral. Para que isso seja uma realidade possível de ser alcançada, outros referenciais mais humanizantes deverão ser buscados e aprendidos em todas as instâncias, inclusive na educação formal escolar.

O desafio posto tem sido o de, institucionalmente incorporar estas propostas no fazer cotidiano, entrando pela porta da frente da escola, via currículo, consolidando estratégias, ações, rituais pedagógicos e sequências didáticas que favoreçam o desenvolvimento de mentes abertas a todas as expressões da diversidade.

A diversidade, a educação e o currículo.

O trato pedagógico da diversidade no universo escolar tem que ser entendido de forma mais ampla, levando em consideração as questões mundiais, mas particularmente, deverá ser refletido e considerado de forma enfática quando visualizamos as singularidades da historicidade brasileira no processo de construção da sua nacionalidade. Essa foi construída coletivamente, fruto de múltiplas memórias e experiências humanas. Portanto, são características inequívocas desse país a multiculturalidade e a pluralidade étnico-racial. Coaduno com as postulações de Munanga (2003) quando critica a identidade mestiça. MUNANGA, 2003, p. 47, nos diz:

Para construir uma identidade nacional não é preciso uma unidade cultural. [...] Negros, índios, mulheres, homossexuais, classes sociais e outras diversidades regionais produzem identidades diversas e não mestiças.(...) Por isso critico a ideia de que uma sociedade deve ser uma unidade cultural, seja da razão, de uma religião, de uma etnia ou, no caso do Brasil, de uma unidade cultural construída pela mestiçagem biológica (a miscigenação) e pela mestiçagem cultural (o sincretismo).

A ideia dessa “identidade mestiça” ainda defendida por alguns brasileiros é legitimadora e ideologicamente projetada para recuperar o mito da democracia racial. No entrelaçamento das matrizes identitárias brasileiras é que se constrói o seu tecido social. Assim, a característica central da identidade brasileira é a diversidade: unidade na diversidade. A questão a ser solucionada é saber como combinar a igualdade com a diversidade.

Ampliar conhecimentos sobre essa perspectiva plural da sociedade brasileira e seu processo histórico de construção, torna-se uma das alternativas no campo da educação que sendo trabalhada significativa e pedagogicamente, abrirá possibilidades para que brasileiros, de todos os grupos sociais reconheçam positivamente a verdadeira identidade brasileira que é mista, constituída de matrizes europeias, africanas, indígenas, asiáticas... Ao recontar essa história atualizando o conhecimento sobre a verdadeira participação desses grupos sociais, sem negligenciar ou hierarquizar seu protagonismo, as instituições escolares poderão cumprir seu papel social de forma ética, política e pedagógica. Os sujeitos escolares sejam negros, branco, indígenas e de todos os pertencimentos, terão oportunidade de aprender durante sua trajetória escolar como seus ancestrais construíram esse país. E muito mais que isso. Munanga (2005, p.16) afirma:

A questão da memória coletiva, da história, da cultura e da identidade dos alunos afrodescendentes, apagadas no sistema educativo baseado no modelo eurocêntrico, oferece parcialmente a explicação desse elevado índice de repetência e evasão escolares. Todos, ou pelo menos os educadores conscientes, sabem que a história da população negra quando é contada no livro didático é apresentada apenas o ponto de vista do Outro e seguindo uma ótica humilhante e pouco humana.

Nessa perspectiva, o acesso a essa História renovada contribuirá significativamente para o reconhecimento de identidades; tanto a individual, quanto a coletiva. Especificamente, negros e indígenas, discriminados historicamente, poderão se ver e se reconhecer, como também serem vistos e reconhecidos positivamente no universo escolar por meio da visualização de suas histórias e culturas refletidas, com igualdade de oportunidades nos currículos escolares. Terão, portanto, melhores oportunidades de sucesso em sua trajetória escolar.

Serão aprendizados para todos, vislumbrando cumprir o propósito nacional colocado nos documentos normativos nacionais de promover uma educação de qualidade, antirracista, emancipatória e para todos e todas. Essa é uma das prerrogativas para que se efetive uma educação para o século XXI observando a realidade mundial e brasileira. É uma proposta desafiadora que deverá sair de planos e propostas; desejos e esperanças para se efetivar objetivamente.

A educação tem necessidade urgente de se colocar proativamente quanto aos temas da atualidade para não correr o risco de se tornar obsoleta, inadequada para as crianças e jovens, sujeitos sociais concretos que são alvos prioritários de seu atendimento. Os grupos historicamente colocados à margem, (mas resistindo bravamente ao racismo estrutural também) como os negros e os indígenas reivindicam que, por meio dos conhecimentos disseminados pela escola, o protagonismo histórico desses povos seja desvelado.

Não é uma tarefa muito fácil, principalmente quando o assunto direciona as reflexões para as desigualdades raciais brasileiras e o racismo. Se a escola deve assumir o seu papel de agente de mudanças e transformações significativas para educar para a diversidade e as relações étnico-raciais, as complexidades das situações que cotidianamente perpassam o universo escolar tornam essa, uma tarefa desafiadora. Obrigam a escola a pensar um planejamento criterioso.

Planejar, contextualizar, sintonizar o pensar e o fazer, avaliar.

Para levar em conta as prerrogativas apresentadas acima, o que as instituições escolares não poderão negligenciar é a garantia da polifonia em seu interior, reconhecendo positiva e objetivamente as muitas vozes que lá estão presentes. Todas elas têm direitos garantidos de expressarem suas experiências, histórias e vivências. Portanto, garantir essa **polifonia** significa que algumas palavras chaves como heterogeneidade, inclusão, pluralidade, equidade, singularidade, partilha, respeito, cultura, diálogo e flexibilidade, deverão fazer parte do pensar, do agir e do registrar das ações pedagógicas.

No “Curso de Formação Docente em Educação para as Relações Étnico-Raciais”, refletimos sobre alguns parâmetros que poderão direcionar e /ou inspirar na proposta de pensar o Plano de Ação Escolar mais amplo e abrangente, facilitando a execução do Projeto de Intervenção a ser executado pelos cursistas. Plano de Ação como guia orientando a construção, efetivação e consolidação de uma metodologia positiva de tratamento pedagógico das questões raciais e que elas estejam confirmadas na agenda da escola de forma sistemática e permanente. Sua abrangência, temporalidade e intencionalidade diferem do Projeto de Intervenção. Este se caracteriza por um conjunto de iniciativas e ações de intervenção na realidade escolar tratando de assuntos específicos das questões raciais. Mesmo que as intencionalidades pedagógicas tenham especificidades e os resultados sejam diferentes, eles dialogam por meio de pressupostos que são básicos. O estabelecimento desse diálogo entre o Plano de Ação e o Projeto de Intervenção pode assegurar o fortalecimento do primeiro e facilitar a realização do segundo.

Procurando observar esse diálogo, foram elencados alguns passos para o início do caminho a ser trilhado. A organização de um plano de ações escolares para o trato das questões étnico-raciais levará em conta que serão buscadas formas de um **trato didático, pedagógico e de forma curricular**, tendo como **base a realidade de cada instituição**.

Será também uma **proposta articulada aos projetos** já desenvolvidos na escola e será construída de forma coletiva (professores, direção, coordenação, estudantes, comunidade) tendo como referenciais princípios e propósitos contemporâneos da educação que valorizam o trato da diversidade, da pluralidade e da diferença como elementos curriculares. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino da História e Culturas Africana e Afro-brasileira e Educação para a Educação das Relações Étnico-Raciais e outros documentos normativos da Educação Nacional servirão como suporte para a elaboração de um esquema para o desenvolvimento desse diagnóstico.

Uma ação inicial diz sobre a necessidade de construir um **diagnóstico objetivo** sobre a situação real da escola quanto ao atendimento aos propósitos colocados pela Lei 10.639/03 (e 11.645/08) que se ampara no tripé: ensino de História e cultura africana; ensino de História e cultura de Afro-brasileiros e Indígenas e Educação para as Relações Étnico-Raciais. Também nesse momento é oportuno fazer uma **análise crítica das concepções de currículo** que perpassam pela escola para procurar superar paradigmas ultrapassados e fortalecer o trato das questões raciais no ambiente escolar.

O diagnóstico mencionado deverá **abranger vários aspectos** observando os currículos e programas; as atividades e rituais pedagógicos; o ambiente escolar e suas relações; as relações professor-estudantes, professor-professor, direção-professores-estudantes; as relações com a comunidade e entorno; a expressão verbal cotidiana; o material didático pedagógico e acervos literários como suporte para a realização do trabalho; a inserção do tema no currículo, no Projeto Político Pedagógico (PPP) e em todas as áreas de estudo de forma multidisciplinar. Também o diagnóstico será construído coletivamente.

Elaborado, aplicado e analisados os dados obtidos no diagnóstico, é o momento de **problematizar as concepções, conceitos, preconceitos, equívocos e contradições** que perpassam pela escola. Pensar em como ressignificar os rituais pedagógicos inadequados. Todas essas reflexões baseadas em referenciais teóricos consistentes, tendo como base o pensamento pedagógico contemporâneo dialogando com o pensamento negro em educação, favorecerão o momento de refletir e planejar objetivamente as ações a serem empreendidas, as metas a serem alcançadas com estabelecimento de prazos. Portanto, visualizar em que ponto a escola se encontra quanto ao trato das questões raciais e planejar o que é necessário modificar e avançar.

De posse do roteiro de ações com definições de objetivos e delineamento de responsabilidades é o momento de fortalecer as ações educativas que serão empreendidas e definir estratégias e metodologias dando consistência a prática. É o consolidar do trabalho planejado ultrapassando ações pontuais e efetivando aquelas que promovam a igualdade racial no ambiente escolar de forma constante.

O resultado das análises feitas colocará conseqüentemente, em evidência, quais as ações que terão que ser operacionalizadas (estabelecendo prioridades) colocando em prática o pensado e definindo responsabilidades. Assim, **deverão ser respondidas as questões: o que fazer - como fazer - para que fazer - quem vai fazer - quando fazer**. Certamente, as vozes presentes na comunidade escolar serão consideradas e envolvidas nas diversas ações.

Reafirmo a importância de realização de um trabalho coletivo e articulado ao PPP escolar em contraposição aquele que envolve apenas um professor ou um grupo de professores como únicos responsáveis pela consolidação do trabalho. Isso dificulta ou mesmo impede a realização de um trabalho de qualidade.

Todo processo pedagógico escolar tem que ser acompanhado e avaliado objetivando **medir resultados, corrigir os rumos e aperfeiçoar as ações**. A avaliação retroalimenta a tomada de decisões mostrando possibilidades e limites no Plano de Ações como também detecta os pontos de excelência. Avaliar erros e acertos e registrá-los. Os resultados deverão ser compartilhados com todo o coletivo escolar.

Iniciando o processo de construção do Plano de Intervenção

As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades e discriminações correntes na sociedade perpassam por ali. Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. (...). Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar” (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais)

Em observação aos propósitos nessa epígrafe elencados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, ao pensar o processo educacional de construção de um Projeto de Intervenção Escolar é fundamental avançar para além do senso comum e substituí-lo por conhecimentos cientificamente elaborados. Torna-se função escolar socializar esses conhecimentos por meio do currículo. As iniciativas e ações de intervenção na realidade escolar que serão proporcionadas pela realização desse projeto deverão ser previamente planejadas com detalhamento dessas ações específicas. Estas deverão dialogar com os propósitos educacionais de tratar pedagogicamente a diversidade, aliando aos objetivos de uma educação de qualidade para todos e todas, contemplando as africanidades que estruturam a sociedade brasileira. Objetivamente, o trabalho pedagógico deverá ser pensado observando o reconhecimento e valorização das diferenças, procurando desenvolver a capacidade de reconhecimento das diversidades e das diferenças como direito; a importância da diversidade biológica e a diversidade racial e sociocultural brasileiras. Portanto, oportunizar que mentes sejam

educadas fortalecendo atitudes e valores para assumirem posicionamentos contrários à intolerância, ao racismo e todas as formas de discriminações. Vale o questionamento: Qual seria a contribuição do Projeto de Intervenção nesse sentido? Quais estratégias pedagógicas e atividades significativas e contextualizadas poderão ser trabalhadas contemplando vivências com os estudantes para alcançar esses objetivos?

Outro aspecto a ser observado nessa construção é o estudo da diversidade histórica, étnica e cultural brasileira como fruto de múltiplas memórias e experiências humanas. A memória histórica brasileira e sua herança sócio cultural serão trabalhadas pedagogicamente, sem hierarquização de seus grupos sociais formadores. A ampliação dos conhecimentos sobre a trajetória histórica desses grupos, em especial do povo negro, visualizando positivamente sua participação na construção histórica, econômica, social e cultural do Brasil, como também reconhecer a influência dos povos africanos na cultura brasileira, será uma das prerrogativas para agregar qualidade no desenvolvimento desse projeto.

Portanto, os educadores, pensando a elaboração do Projeto de Intervenção deverão, se questionar: Quais as temáticas e conteúdos disciplinares das áreas de conhecimento serão elencados para contribuir para o desvelamento dessa História? As atividades pedagógicas intencionalmente planejadas para o desenvolvimento do “Projeto” contemplam essas prerrogativas?

Conteúdos disciplinares, relações étnico-raciais e africanidades: Diálogos possíveis?

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-Raciais o ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana, a Educação para as Relações Étnico-Raciais se desenvolverá no cotidiano das escolas, nos diferentes níveis e modalidades de ensino, como conteúdo de disciplinas. Portanto um dos principais desafios quanto ao desenvolvimento do Projeto de Intervenção é o de possibilitar o estabelecimento de diálogos entre o que já é comumente trabalhado, consolidado nos currículos, com os conhecimentos que estiveram “ausentes”, fora das propostas curriculares oficiais sobre as referências históricas, culturais, geográficas, linguísticas e científicas do povo negro e indígena.

Confirmando o propósito desse texto, julgo possível apresentar para os cursistas/docentes, algumas indicações que poderão colaborar na construção do Projeto de Intervenção pensando no estabelecimento desses diálogos conduzindo-os para procedimentos convenientes. Mas convém salientar que desenvolver esse trabalho pedagógico

não significa abandonar as disciplinas escolares e suas especificidades ou apenas aglutinar a elas a temática, mas sim ressignificar os conteúdos, contextualizando-os, relacionando-os com a realidade brasileira. Significa reconhecer o currículo como campo de produção de significados construídos tanto por meio dos conteúdos trabalhados, como pelas experiências culturais articuladas com a realidade social dos (as) estudantes. (ROCHA,2007).

Nesse sentido, Rocha (2007, p.32) afirma que as disciplinas escolares e seus conteúdos serão, portanto, ressignificados não tendo um fim em si mesmo, mas serão instrumentos para modificação, reelaboração e elaboração de novas formas de pensamento antirracista, aberto às diversidades. Conhecendo as especificidades de cada disciplina escolar, abre-se possibilidades para que os professores se orientem na seleção dos conteúdos que poderão ser trabalhados contemplando o Projeto de Intervenção.

A articulação das disciplinas escolares e seus conteúdos em diálogo com a temática étnico-racial.

Os referenciais apresentados abaixo poderão contribuir para que os educadores possam compreender melhor a importância de algumas das áreas disciplinares quanto à socialização dos conhecimentos cientificamente embasados sobre a temática racial. Vale refletir também sobre a contribuição de cada uma das disciplinas, seus objetivos e propósitos quanto a inserção da temática racial no currículo da Educação Básica. Vejamos alguns apontamentos:

- **Ciências: conhecimento científico, diversidade e prática social.**

Poderá promover o aprendizado de conceitos e a construção de conhecimentos com base científica que levem à reflexão sobre preconceitos, estereótipos e discriminações advindas do senso comum sobre o negro e sua cultura. Compreender a diversidade da vida, da herança biológica, das características hereditárias e sobre o papel do ambiente nas características dos seres humanos e suas adaptações. Poderá também ampliar conhecimentos sobre a diversidade cultural e étnica humana como parte importante da biodiversidade. Favorecerá, desta forma, o respeito as diversificadas visões de mundo, condição básica para a estruturação de convivências saudáveis, apartadas de todas as formas de preconceito, racismo e discriminação.

- **História: Histórias de negros... negros na História...negros e História...**

O ensino de História e cultura Afro-Brasileira e Africana envolve articulação entre o passado, o presente e o futuro procurando ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. A sociedade é formada por pessoas que pertencem a grupos étnico-raciais distintos, que possuem cultura e história próprias, igualmente valiosas e que em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história. O não contar dessa História, negando sua importância é impedir que os sujeitos históricos concretos, presentes no universo escolar apropriem de conhecimentos fundamentais, tanto da História do Brasil como da História Universal.

- **Matemática: a matemática no contexto...**

Os povos e culturas constroem saberes matemáticos levando em conta sua visão de mundo. Assim, a matemática deverá ser vista como um importante componente cultural para o desenvolvimento da inteligência humana, e ser enxergada como um produto cultural, onde os grupos sociais produzem seus conhecimentos de acordo com suas necessidades. A matemática está integrada às atividades humanas e o saber matemático colabora para o entendimento de outras culturas.

Portanto, devem também fazer parte do saber matemático em nossas escolas, as referências das diversas culturas, com ênfase para as indígenas e africanas que fazem parte da matriz identitária nacional brasileira. Atenção especial deverá ser dada às contribuições que as culturas africanas efetivaram na gênese do “pensar numericamente” da humanidade, como também ao modo de contar e medir; marcar o tempo e de entender o universo utilizado pela vários povos reconhecendo e valorizando como estes povos e culturas construíram seus saberes matemáticos.

- **Educação física: corpo, movimento, cultura e relações**

Esta disciplina, tendo como objeto de estudo e ensino a cultura corporal, poderá atender ao propósito de ampliar os conhecimentos dos estudantes para que eles possam fazer análises críticas dos saberes sociais, padrão de beleza e saúde que se tornam dominantes na sociedade e que muitas vezes servem como elementos para promover e disseminar preconceitos e discriminações, inclusive a racial. Também vivenciar diferentes práticas corporais, advindas das variadas manifestações culturais brasileiras. A Educação Física cumprirá seu papel como disciplina escolar, numa perspectiva formadora, se escolher priorizar em suas práticas, articular dialeticamente, seus fundamentos disciplinares, as relações políticas, sociais, econômicas históricas e culturais da sociedade, entrecruzando o reconhecimento da diversidade e a valorização da convivência com as diferenças. Esses,

como elementos chaves para a compreensão e valorização das expressões dos diferentes grupos étnicos constitutivos da nação brasileira.

- **Artes: fruir... contextualizar... experimentar...descobrir...descobrir-se...**

Arte é cultura. Ao propiciar aos estudantes a compreensão sobre esse fato, criam-se oportunidades múltiplas para que eles possam manter contato com as produções artísticas nas diferentes culturas. Estes, serão incentivados a identificar a existência de diferentes padrões artísticos e estéticos contextualizados em diferentes épocas e culturas.

A valorização das diferentes manifestações artísticas dos povos e culturas será um dos focos no trabalho pedagógico com essa disciplina propiciando assim a compreensão da arte como fato histórico, contextualizado nas diversas culturas, promovendo valorização das diversidades culturais, sociais e étnicas. É necessário então nessa área, desenvolver estratégias pedagógicas para que os estudantes identifiquem e reconheçam as concepções estéticas africano-indígenas e também naquelas baseadas na herança africana presentes na realidade brasileira (na dança, na música, teatro e artes visuais). Desta forma, será possível ampliar, democraticamente seus conhecimentos, sem hierarquização, de algumas das manifestações e expressões artísticas de todos os povos e continentes.

- **Língua portuguesa: falares, expressões, heranças linguísticas e cultura...**

É importante entender que o português falado no Brasil é constituído, por heranças linguísticas africanas, indígenas, portuguesas, dentre outras. Aprender uma língua passa por também aprender os significados culturais das palavras e respeitar a diversidade cultural. Essa disciplina poderá ser veículo para o conhecimento dos falares africanizados no cotidiano da sociedade brasileira bem como promover o respeito à diversidade étnico-racial e cultural brasileira por meio do reconhecimento das heranças linguísticas africanas, pelas marcas da linguagem própria dos grupos sociais a que os estudantes pertencem, pela expressão por meio da oralidade característica do povo negro, pelo reconhecimento de palavras depreciativas e preconceituosas, pelos textos literários de autores e com personagens afro-brasileiros, por textos que expressem o combate ao racismo, pelo uso da mitologia africana e afro-brasileira como fonte de informação e entendimento de aspectos da cultura africana e afro-brasileira.

A literatura afro-brasileira e as Literaturas africanas poderão ser usadas como um rico instrumento de combate ao racismo, preconceitos e discriminações quando, por meio de seus textos, promoverem ampliação de conhecimentos, informações e incentiva reflexões críticas sobre a temática.

- **Língua estrangeira: Ampliação de horizontes, comunicação entre povos, respeito a outras culturas...**

Entende-se que com essa disciplina pode-se ampliar as possibilidades dos estudantes agirem discursivamente no mundo e compreenderem outras manifestações culturais próprias de outros povos. Ao trabalhar as línguas estrangeiras cria-se possibilidades de conexões com símbolos culturais e políticos de outros mundos como instrumentos de cidadania, fortalecendo e ampliando a possibilidade de acesso às experiências culturais e históricas africanas e da diáspora.

Portanto, poderão fazer parte das atividades e conteúdo dessa disciplina o estudo dos símbolos culturais presentes na vida social dos estudantes relacionados a língua estudada; diversidade de línguas oficiais e maternas faladas nos vários países africanos; leitura, tradução e interpretação de canções de diferentes estilos musicais de origem e/ou influencia afro em língua estrangeira; experiências históricas dos países das línguas estudadas que se relacionam com a temática racial, assim como muitos outros temas que possam contribuir para incluir dimensões das experiências culturais e históricas africanas e da diáspora no ensino da língua estrangeira.

A competência comunicativa em língua estrangeira possibilitará não só o reconhecimento da presença da língua estudada e sua cultura no cotidiano, como também identificar a imposição dessa língua no processo histórico de colonização e nos dias atuais.

- **Geografia: compreendendo o mundo, seus movimentos, suas transformações nos diversificados espaços...**

Os estudantes terão oportunidades de entender, por meio do estudo crítico do espaço geográfico brasileiro, a interdependência existente entre as configurações deste e as práticas sociais, em como problematizar e compreender as relações existentes entre economia, política e participação social e suas repercussões nesse espaço.

Nesse sentido o estudo da geografia oportuniza a compreensão do espaço geográfico e sua relação com a construção de cidadania, atentando para mudanças e permanências e tendo como parâmetro a diversidade étnica, racial e cultural.

Os temas citados farão parte dos estudos da geografia como uma disciplina capaz de permitir uma compreensão das desigualdades sociais e étnico-raciais que caracterizam a sociedade brasileira. São eles: as contribuições negras quanto á formação do território colonial brasileiro e nos ciclos econômicos; ocupação, uso e a transformação desse espaço de acordo com sua visão de mundo; produção material, cultural, ideológica e social do espaço; causas e conseqüências do difícil processo de ocupação do espaço urbano e rural

vivenciado pelo negro brasileiro pós-abolição e na atualidade, bem como maiores conhecimentos sobre a economia, países, povos, culturas e etnias do continente africano. Quando se apresenta no texto as contribuições que cada uma das disciplinas poderá dar no sentido de incorporar o tema étnico-racial como objeto de conhecimento no ambiente escolar fazendo parte do currículo, não se propõe uma concepção por etapas e transmissiva de conteúdos por meio de cada uma delas. O propósito é o de que o trabalho ultrapasse o pensamento fragmentado, isolado e disperso e avance para a interdisciplinaridade onde as disciplinas possam se integrar para ampliar os conhecimentos dos estudantes.

O processo de avaliação do Projeto de Intervenção Escolar

A implementação do Projeto de Intervenção requer acompanhamento criterioso e uma avaliação constante observando tanto esse processo como os resultados. Assim, durante a realização do projeto é prudente fazer questionamentos como estes ou outros que se fizerem necessários: Os objetivos programados estão sendo atingidos? O que precisa ser alterado? As ações programadas estão sendo concluídas em tempo hábil de acordo com cada etapa? As estratégias pedagógicas utilizadas estão correspondendo adequadamente? É uma ação que contribuirá para confirmar ou retomar ações que estão sendo realizadas no projeto.

Fará parte também dessa avaliação a reflexão sobre os resultados alcançados. Ela também deverá ser conduzida de forma coletiva. Deverá abranger os vários aspectos do cotidiano escolar como, por exemplo: o trabalho pedagógico com suas atividades e rituais cotidianos; a implementação da Lei 10.639/03 e a inserção dos conteúdos e temas no currículo; o material didático usado; o posicionamento dos estudantes; a qualidade das relações étnico raciais na escola e comunidade. Atividades e rituais pedagógicos; expressão verbal cotidiana.

Vale questionar após a realização do projeto: Os resultados e objetivos propostos no planejamento foram atingidos? Onde erramos? Onde acertamos? Quais foram os pontos fortes e pontos fracos do projeto? Todas as ações planejadas foram concluídas ou não? Por quê? Quais as dificuldades encontradas? Possibilitou-se a formação de habilidades, aprendizado de conceitos e desencadeamento de atitudes quanto às relações étnico-raciais? Que transformações positivas podem-se observar no processo e ao término do Projeto de Intervenção?

Estas e outras perguntas poderão conduzir o processo avaliativo no sentido de aperfeiçoar as ações mostrando as possibilidades e limites, por meio das observações, análises reflexão e registros sobre o projeto realizado.

2. CONSIDERAÇÕES

Objetivamente, o desejado com esse texto foi contribuir com os cursistas/docentes em sua tarefa de elaboração da proposta de um Projeto de Intervenção Escolar a ser elaborado, apresentado e aplicado em suas escolas de atuação como requisito para a certificação do curso. O início das reflexões que foram desenvolvidas partiu de questionamentos que poderiam ajudar na definição do caminho a ser trilhado na escrita desse Projeto de Intervenção Escolar.

Fizeram parte desses questionamentos: Em que medida a realização do Projeto de Intervenção Escolar poderá favorecer a escola em seu propósito de se tornar cada vez mais contemporânea, tratando de forma pedagógica e curricular a diversidade, observando esse paradigma mundial do século XXI? O projeto pensado poderá levar a comunidade e seu entorno a um maior envolvimento com a escola, participando ativamente na sua implantação e implementação? O projeto fará diálogo direto com os conteúdos e temas já comumente trabalhados no currículo, ou será desconectado tornando-se apenas um apêndice nas atividades escolares? Será preciso relembrar o que diz as Lei 10.639/03 e 11.645/08 e o tripé em que ela se edifica? Que conhecimentos com base científica serão ampliados junto aos estudantes, nas áreas histórica, geográfica, social, econômica e cultural sobre o grupo social negro? É possível levantar alguns princípios que poderão orientar a realização do projeto e levantar características básicas indicativas um projeto de trabalho eficiente. Que indicadores de proficiência poderiam ser elencados pensando a avaliação do projeto?

Assim, desenvolveu-se estas reflexões pensando o cotidiano escolar vislumbrando as possibilidades de levar para a escola, via currículo, o reconhecimento, a valorização e o respeito às diversidades e diferenças que caracterizam o Brasil. Portanto, o Projeto de Intervenção deverá propor esse reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e africana, a educação para as relações étnico-raciais por meio de ações pedagógicas fomentando a positividade da herança africana e indígena no país. Dentro dessa proposta educativa, estes temas não serão trabalhados apenas com “apêndice” ou entrar pelas

“frestas” do currículo, mas como conhecimentos basilares para a formação geral de todos os estudantes essenciais para a vida profissional e cidadã.

O desenvolvimento do “Plano de Ação Escolar” e o ‘Projeto de Intervenção’ não podem ser vistos como solução mágica que apresentam respostas definitivas, para resolver as questões de racismo, discriminação e preconceitos ainda presentes na sociedade brasileira e por consequência no ambiente escolar. Mas é certo que poderá apresentar reflexões e ações iniciais propícias para a construção de um clima escolar adequado para a educação de mentes mais abertas às diversidades, com rejeição ao racismo e toda forma de intolerância.

Não podemos nos esquecer que o Brasil é uma das maiores sociedades multirraciais do mundo. Mas também aquela em que o racismo institucional é uma triste realidade que mata. Como espaço primordial de construção de conhecimento a escola terá que urgentemente definir sua posição: silenciar, exotizar, folclorizar, negar ou assumir o enfrentamento pedagógico e o trato educativo dessa temática, reconhecendo-a, respeitando-a e valorizando-a. E, certamente, essa decisão deverá estar representada de forma reflexiva e crítica nas suas práticas pedagógicas diárias. Essa é uma das significâncias do Projeto de Intervenção.

REFERÊNCIAS

GOMES, Nilma Lino. *Educação Cidadã, Etnia e Raça: o trato pedagógico da diversidade*: In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e Anti-racismo na Educação: repensando nossa Escola*. São Paulo: São Luiz, 2001.

MOORE, Carlos. *A África que Incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

MOORE, Carlos. *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele. *Algumas Considerações sobre Diversidade e a Identidade Negra no Brasil*. In: RAMOS, Marise Nogueira; ADÃO, Jorge Manuel; BARROS, Graciete Maria Nascimento (Org). *Diversidade na Educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2003.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. *Para Entender o Negro no Brasil de Hoje: histórias, realidades, problemas e caminhos*. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004.

MUNANGA, Kabengele (Org.). *Superando o Racismo na escola*. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOMES, Nilma Lino. *Educação Cidadã, Etnia e Raça: o trato pedagógico da diversidade*: In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). *Racismo e Antirracismo na Educação: repensando nossa Escola*. São Paulo: São Luiz, 2001.

GOMES, Nilma Lino. *O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *Educação das Relações Étnico-Raciais: Pensando Referenciais para a organização da prática Pedagógica*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *A Pedagogia da Diferença*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *A Pedagogia da Tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras*. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho, ORGs: *Africanidades e brasilidades no currículo da educação básica: Compartilhando reflexões, vivências, experiências e práticas*. Ribeirão Gráfica e Editora, 2018

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: SEPPIR, 2004.

SILVA, P. B. G. e. *Africanidades Brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos*. Revista do Professor, Porto Alegre, v. 19, n. 73, p. 2630, jan./fev. 2003.